

CVM CENTRO DE ESTUDOS VICTOR MEYER

Projeto: Recuperação do acervo da ORM – Política Operária

NOVE TESES

Documento escrito por Ernesto Martins, em 21.09.1975

Documento digitalizado em: 17.04.2009

Fonte: Acervo Victor Meyer

NOVE TESES

Ernesto Martins

1. Toda análise da situação brasileira atual tem de partir do fato de que a classe operária ainda não se recuperou da derrota sofrida em 1964. Para compreender o atual nível das lutas de classe no (e durante a DM em geral) temos de lembrar-nos da situação do proletariado no momento em que suas lideranças tradicionais foram decapitadas e suas organizações de massa na medida em que existiram, destruídas. É preciso lembrar-se que o nível ideológico geral da classe operária, grosso modo, ainda estava determinado pelo populismo. Apesar da indiscutível radicalização verificada e que ainda estava em plena marcha, o salto qualitativo para uma ação de classe independente ainda não se tinha dado. A radicalização não tinha ultrapassado os marcos do populismo. Sinal é que o desgaste do janguismo e da política colaboracionista do PCB, naquele momento permitiu ao brizolismo criar uma base de massa no país. Tudo indicou que o processo de mobilização do proletariado não teria se esgotado com a transferência da liderança de uma ala populista à outra, mas a marcha dos acontecimentos foi interrompida com o golpe militar, e foi esse o nível de experiência, que a grande massa pôde levar para a fase da DM.

Uma reação do proletariado contra o "arrocho" e o baixo nível de vida esboçou-se durante os anos 1966/68 e teve o seu auge nas duas greves de Contagem, e na de Osasco. Indicou uma nova radicalização de setores da classe operária, radicalização qualitativamente superior do que a do passado, pois tinha levado a uma nítida ação de classe. Os partidos tradicionais, tanto populistas como o próprio PC, não estavam nessa luta. As camadas mais atrasadas do proletariado ainda tendiam a um certo "populismo de esquerda", como foi representada naquele momento pela AP. Esse fenômeno ficou menos claro em Osasco, onde grupos militaristas ainda puderam tutelar os operários e impor, de fora, formas de luta estranhas à classe. Ficou mais patente na cidade industrial mineira, onde os operários travaram duas lutas em espaço de tempo relativamente curto, sendo que a primeira desencadeou-se espontaneamente e a segunda foi organizada e preparada conscientemente pelos operários, à base do aproveitamento da experiência anterior.

Contagem, sem dúvida, representou o auge da luta de classes da época e seus ensinamentos nunca foram aproveitados devidamente. Assim mesmo, temos de ver as coisas nas suas devidas proporções. Em 1º lugar, a influência preponderante da AP foi possível, porque ela ia ao encontro de tradições populistas do passado, com seus métodos paternalistas e caudilhescos, que não visavam à iniciativa e a ação das bases operárias (por isso mesmo tinha de se chocar constantemente com a frente em torno de "1º de maio"). E em 2º lugar, Contagem ainda não era um setor de vanguarda, que sem dúvida repercutiu na classe, mas que com exceção de Osasco, não encontrou imitadores.

2. A situação do proletariado piorou durante os anos seguintes. É preciso ver que não foi somente o Ato-5, o arrocho geral de qualquer oposição à política da ditadura, o responsável para esse estado de coisas. O AI-5 foi promulgado num momento em que o movimento de massas já estava em refluxo. Além da repressão das greves, o regime tinha começado a beneficiar-se da retomada das atividades econômicas, superando a crise cíclica, pela qual, o capitalismo brasileiro tinha passado na década de 60. Esses fatores em si ainda não teriam justificado o silêncio de cemitério, que no decorrer dos anos seguintes se impôs no terreno das lutas de classes no país. Fases de expansão econômica não são forçosamente adversas à luta da classe operária, quando os métodos de trabalho dos revolucionários forem apropriados (em muitos países as primeiras organizações do proletariado surgiram justamente em fases de expansão econômica). Isso pressupõe das lideranças e dos quadros um trabalho a prazo e não a contínua procura do confronto com o regime e com o sistema. No nosso caso não houve esses movimentos coletivos. Prevaleceu a resignação do proletariado, que em grande parte procurou soluções individuais, trocas de emprego, etc., para aliviar-se

dos seus problemas.

Essa situação foi facilitada pela ação das esquerdas, que abandonaram a classe operária à sua sorte. O PC, com sua política de "Frentes Amplas", apoio a oposição burguesa e as conseqüentes cisões internas praticamente tinha se tornado uma organização de classe média. A chamada ER, que na primeira ocasião se tornara militarista, não só afastou-se completamente do proletariado, como arrastou grande parte de quadros e bases operárias para a derrota. A pequena minoria, finalmente, que não seguiu esses caminhos (e aqui não estamos nos referindo só a nós), além da sua fraqueza numérica, por sua vez teve dificuldades de adaptação à nova situação criada. Como resultado da situação geral, o proletariado brasileiro, durante anos foi exposto à pressão e à influência unilateral do regime militar, sem que a esquerda pudesse contrapor algo a esse monopólio. Embora o regime não conseguisse conquistar a classe operária - nem sequer chegou a criar bases no seio dela - conseguiu neutralizá-la por muito tempo, condenando-a a uma passividade prolongada.

3. O que nos interessa aqui, é o nosso papel, são os nossos erros. Para poder julgá-los temos de partir de uma avaliação realista das relações de forças. Isso implica em deixar claro que a nossa atuação, mesmo se fosse certa e justa, não teria mudado essencialmente a situação da classe operária brasileira. Isso quer dizer que os nossos erros não são responsáveis pela situação objetiva do proletariado brasileiro. Os nossos erros, atualmente prejudicam, antes de tudo, nós mesmos. Fizeram perdermos um tempo precioso na formação dos nossos quadros, no enraizamento na classe operária, na criação de um ponto de partida mais favorável para o momento em que as condições objetivas das lutas de classe no país mudarem.

Isso hoje parece ser de consenso da maioria da O. Grandes demais foram as perdas para poder evitar essa conclusão. Mas, o que talvez não esteja claro ainda é o papel que a incapacidade de avaliar realisticamente relações de forças teve nos nossos erros e desvios. Só assim se explica que "estratégias" e "táticas" começam a tomar vida independente de condições materiais objetivas, que palavras de ordem se tornaram princípios desligados das tarefas realizáveis - verdadeiros fetiches de uma fé mística.

Essa incapacidade de avaliar realisticamente relações de forças deu-se principalmente em dois níveis. Deu-se, primeiro, em relação a análise de conjuntura, tanto econômica, quanto a situação concreta da classe operária. Isso já foi analisado. Queremos salientar que tais erros são freqüentes em fases de mudança da conjuntura. Nem sempre as tendências se mostram tão nitidamente, para permitir uma previsão certa. Há margem a erros. A insistência, porém, com que os nossos companheiros em 70/71 persistiam nos erros de análise da conjuntura mostraram claramente que a falha estava num outro nível, estava no terreno da compreensão geral das lutas de classes e das relações entre classe e vanguarda. E essa falha não permitiu reconhecer a conjuntura quando seu caráter já estava público e notório.

Relendo hoje os documentos de cisão com o POC até o PTCP, tem-se a impressão que para seus autores a ação da vanguarda tenha se tornado a força motriz das lutas de classe. O proletariado é o objeto, tem que ser "trabalhado", isto é, agitado. Tem-se a impressão que os companheiros daquela hora viam na classe operária brasileira uma imensa massa sem liderança, para a qual era preciso levar as palavras de ordem justas, para que, depois de um "descenso provisório", despertasse e se constituísse em classe independente. Só isso explica que a liderança daquela época julgasse possível "passar da teoria para a prática" e realizar tarefas, que a "velha" PO não tinha conseguido enfrentar ainda.

Esse conceito simplório de luta de classes contradizia a tudo que pregamos e propagamos no passado sobre o processo da formação da classe para si, da concepção materialista de luta de classe. Além disso revelava um assustador alheamento da realidade social e política do país, das relações de forças existentes. Quem devia realizar esse processo miraculoso de transformar uma classe operária por força de agitação e à base de planos preestabelecidos, éramos nós, que estávamos com a linha correta, donos de um Programa Socialista científico para o Brasil.

A nossa linha política naquele momento, porém, não tinha nada de científico. A nossa tática tão

pouco. Táticas, aliás, nunca são científicos, pois são política diária e a política (também a política revolucionária), como a guerra, são artes. Artes, que as fundamentam em conhecimentos científicos, mas o próprio conceito da "tática científica" já devia ter dado a desconfiar.

A tática é a política diária, que leva em conta as constantes mudanças nas relações de forças existentes, deduzindo os passos que podem ser dados em direção aos objetivos estratégicos. Quando elaboramos uma tática determinada temos de levar em conta os fatores objetivos, a situação do proletariado, a conjuntura econômica e política, etc. Mas da mesma maneira temos de poder julgar realisticamente a força e o peso específico do fator subjetivo, da vanguarda revolucionária, que tem que estar em condições de traduzir essa tática em ação. Em outras palavras, temos de olhar em redor de nós e julgar friamente: quanto somos? O que representamos? O que somos capazes de realizar?

Esse simples senso de realidade, a O. tinha perdido, quando abandonou o método materialista, que no passado destacava a PO do resto da esquerda no país.

4. Isso se manifestou fundamentalmente na maneira como foi encarada a "penetração na classe operária". É claro que a penetração no proletariado, a fusão do marxismo com o MO, representa na atual fase histórica das lutas de classe no Brasil o alfa e o omega da nossa linha estratégica. (Os companheiros se lembram que concordamos não poder falar ainda em estratégia propriamente dita). Mas, entre linha estratégica e palavra de ordem de ação há uma diferença. A penetração como palavra de ordem de ação só tem sentido numa situação em que a classe operária se movimenta em luta, espontaneamente. O papel dos comunistas consiste justamente em transformar essas lutas espontâneas em conscientes e não em querer "inventar" as lutas. É isso que entendemos sob "fusão do marxismo com movimento operário vivo". Como Lênin já observou, uma das "eis fundamentais" de todo o movimento revolucionário é a "experiência política própria" das massas. Essa experiência o proletariado consegue em lutas, parciais e diárias em torno das suas reivindicações imediatas. São essas lutas, que desenvolvem a sua capacidade de classe e o tornam receptivos às categorias marxistas - a penetração. Em épocas em que essas reivindicações e lutas não surgem ou só surgem tão esporadicamente que não influem na situação objetiva da classe toda, a palavra de ordem de penetração prega no deserto, desvia das tarefas reais e impede o enfrentamento das tarefas reais, que se impõem.

Mesmo a nossa "penetração", isto é, o enraizamento da O. na classe, a mudança da nossa composição orgânica, não pede ser confundido ainda com a penetração da teoria marxista na classe operária, Atingiríamos um setor limitado demais do proletariado, para poder falar de uma mudança qualitativa da situação da classe.

5. Estreitamente ligado ao problema da penetração, é a palavra de ordem da "construção do partido".

Em primeiro lugar, um partido não é "construído", como um edifício de tijolo. Não é criado de fora para dentro da classe. O partido é resultado de um processo social e histórico, que pressupõe uma mudança qualitativa da classe operária ou pelo menos de seu setor decisivo. No caso concreto nosso, pressupõe a superação das tradições populistas de largas camadas proletárias e isso, por sua vez, significaria uma alteração nas relações de forças das classes na sociedade brasileira. Falar de partido sem classe operária é uma ilusão voluntarista pequeno-burguesa. A situação no Brasil hoje é tal que a reunião de toda a chamada Esquerda Revolucionária, mesmo se conseguisse entender-se sobre uma plataforma aceitável, ainda não produziria um partido da classe operária.

Em segundo lugar, é absolutamente irreal falar em construção, formação ou criação (ou qualquer que seja do partido), quando não há condições para a penetração, quando não há nem possibilidade de agitação de massas. Hoje, o nível das lutas de classes é outro e somente aceitando o nível tal como é, podemos influir para elevá-lo.

Em terceiro lugar, a criação do partido, em geral, não é palavra de ordem para a agitação de massa. Não movimenta massas na luta diária. Essas lutam em torno de reivindicações materiais, econômicas e políticas. A "criação do partido" só pode ser resultado dessas lutas e só se torna palavra de ordem, no sentido de uma tarefa, quando suas premissas e condições estiverem criadas.

6. De maneira nítida, o voluntarismo se manifestou na O. com a palavra de ordem dos "núcleos do comitê de empresa". Revelou uma completa incompreensão das formas de organização proletárias.

Falamos no passado de três formas de organização proletária nas empresas: das células, dos comitês e dos núcleos. Trata-se de três formas de organização, das quais cada uma tinha a sua razão de ser, que podiam coexistir e das quais cada uma refletia um determinado nível das lutas de classe no país.

A célula de empresa, a reunião de pelo menos 3 militantes nossos nos lugares de produção, hoje deve ser relativamente rara. Pressupõe maior penetração na classe. Contudo, nunca devemos perdê-la de vista, como meta, pois representará a espinha dorsal de qualquer movimento revolucionário mais amadurecido, seja de um partido ou mesmo de vanguarda restrita. Para a formação de um partido proletário, principalmente, a existência de uma rede de células de militantes operários nas principais empresas de uma região é indispensável.

O comitê de empresa, tal como o conhecemos pela experiência, é antes de tudo um órgão de auto-gestão operária. Sendo eleito ou simplesmente escolhido pelos operários da empresa, isto é, pelos seus diversos departamentos, seu surgimento só é possível em fases de mobilização das bases operárias. Surge, geralmente, em consequência de greves ou na fase da sua preparação. No fundo trata-se de comitês de greve, tal como o proletariado os conhece por suas tradições de luta no passado, transformados, em órgãos representativos da classe operária, em estado de permanência. É óbvio que tais órgãos refletem um nível de luta, que não mais existiu depois do AI-5 e que continua a não existir. Não podem, portanto, ser "organizados" artificialmente a partir de um núcleo.

O núcleo não é mais do que um grupo de operários da mesma empresa, que se reúne com certa periodicidade para debater ou enfrentar problemas imediatos, geralmente de importância local (pelo menos como ponto de partida). O seu nível pode variar. Às vezes é produto de uma frente. Na maioria das vezes os operários não sabem concretamente quais as organizações que os apóiam. Não é um órgão de representação e às vezes nem representativo para o ambiente na empresa. É somente um início de coordenação de um movimento maior.

Aqui mencionamos três tipos clássicos de organização operária nos locais de trabalho, como os conhecemos pela nossa experiência (sem mencionar os sindicatos, que representam um capítulo a parte). Mas, primeiro, tais órgãos não surgem na prática de forma tão nítida como os descrevemos. Para o surgimento de comitês de empresa, por ex., pelo menos no início, é preciso a presença direta de militantes ou simpatizantes nossos. Em 2º lugar, não queremos afirmar com isso que não possam surgir novos órgãos de luta proletária por iniciativa das massas e é muito provável que surjam quando a classe começar a movimentar-se. Mas há uma grande diferença entre órgãos de luta, que surgem espontaneamente e formulações, que brotam das nossas cabeças no quadro de uma linha de conduta voluntarista.

Ultimamente formaram-se comissões operárias em determinados lugares do país. Neste momento, é difícil prever se terão um papel mais duradouro, ou se são justamente produto da atual situação precária, de falta de bases estruturadas nas empresas, (estamos nos referindo às comissões, que reúnem operários de diversas empresas). Não parece aconselhável, portando concentrar as nossas atividades em torno deles. Não há dúvida, entretanto, que se trata de tentativas de luta e nós temos de acompanhar o seu desenvolvimento para um julgamento definitivo.

Finalmente, surgiram, no passado, "comissões operárias", que em realidade não passavam de comitês de empresa com outro nome. Não objetamos a terminologia. O que importa é o conteúdo.

Qual teria sido uma alternativa realista e revolucionária à linha voluntarista da "penetração", da "construção do Partido", da "criação do pólo proletário", etc?

O descenso geral do movimento de massas e do nível das lutas de classes, em 69/70, criaram uma situação em que a O. tinha que se preparar para uma difícil clandestinidade, que poderia ser caracterizada melhor com as palavras de Rosa Luxemburgo, como de "isolamento revolucionário".

Para a O. e para cada um dos seus militantes a mudança da situação e de todas as suas consequências tinham de ser claras. Embora os nossos conceitos estratégicos não sofressem

modificações, a luta tinha de ser vista num ritmo mais lento e as nossas táticas tinham de se adaptar à situação existente. Tratava-se, para nós, de aproveitar a indesejada marcha lenta dos conflitos sociais na sociedade para reforçar e consolidar a própria O. ainda insuficientemente amadurecida face as necessidades da luta no país. Tínhamos de nos empenhar sistematicamente para visar um ponto de partida favorável, a fim de poder intervir mais eficientemente no momento em que o fator objetivo mudar e se der um novo ascenso no país .

Sempre tivemos a O. Como organização de quadros. Reforçá-la nas condições dadas, significa melhorar e aperfeiçoar os quadros. Era educar politicamente os militantes, principalmente os novos, que foram recrutados à base do ativismo e da agitação de massa. Era proporcioná-los uma infra-estrutura de marxismo e capacitá-los a aplicar esses conhecimentos às condições concretas do país e do mundo de hoje. A mera formação política, porém, também não cria militantes. É preciso que haja simultaneamente uma formação prática, em que o militante aprenda a enfrentar as varias situações e tarefas da atividade política. Somente passando por essa escola completa de conhecimento e experiência o militante se tornará de fato um quadro.

Qual era a atividade externa possível nessa situação? Não havendo possibilidade de agitação de massa, tínhamos de concentrar-nos no trabalho de propaganda. Tínhamos de dedicar-nos à formação de quadros operários em potencial, as futuras lideranças da classe. Isso não podia ser feito à base de uma linha de confrontação com o regime. A classe não estava pronta para isso e esse estado de espírito se reflete no comportamento dos seus elementos mais avançados. Esse trabalho só podia ser feito à base de contatos individuais, da propaganda em círculos fechados, sem a preocupação imediata de lutas a curto prazo.

Na prática, a O., onde manteve atividade na classe, não podia agir de maneira muito diferente, mas como conjunto agiu de maneira absolutamente falha e ineficiente, pois não estava preparada para esse gênero de atividade e não soube sistematizá-la. Não condizia com a fraseologia pseudo-revolucionária e as metas oficiais irrealis da O. desgastando bases e lideranças. Chegou um ponto, em que se colocou o problema da sobrevivência, com a paralisação da imprensa e o fim da atividade externa coordenada. O problema da sobrevivência, entretanto, era um problema político, o que não cabia era uma "tática de sobrevivência", e sim, uma tática política justa.

Se afirmarmos que a fase que passamos não era de confronto, mas de preparação sistemática para um futuro ascenso, não pretendíamos dizer com isso que não havia margem para lutas. Em nenhum momento, destes últimos anos, o operário médio se tinha conformado com sua situação. Se houve poucas greves, usou outros meios de resistência, de trabalho lento a mudança de emprego. Tínhamos de adaptar-nos a esses níveis de conflitos sociais, para estabelecer a ação coletiva, a solidariedade de classe a bases dos pontos de atrito existente. Para isso não podíamos chegar à classe com o nosso Programa na mão. Não podíamos, na maioria das vezes nem chegar como O. Tínhamos de partir do nível das reivindicações deles e ver ate onde estavam dispostos a ir, para saber para onde podíamos levar. Era um trabalho lento, penoso, mas era a única maneira de não perder o contato com a classe. Era a única maneira de exercer alguma influência em setores da classe. A chama, para não apagar, tinha de ser mantida baixa, mas importante era mantê-la.

8. O problema da formação de quadros continua sendo um dos mais prementes. Encerra em si questões como o do amadurecimento da O. toda, da sua linha política e da sua eficiência da ação.

Somos fundamentalmente um organismo democrático. A nossa linha política é determinada pelas bases. Com todas as limitações, que a clandestinidade impõe à democracia interna, nenhuma linha política, certa ou errada, pode ser mantida contra a vontade das bases. Isso significa também que cada militante tem uma responsabilidade nas decisões fundamentais e deve estar em condições de exercê-la. Deve estar em condições de julgar, opinar e agir a base de conhecimentos e experiências.

Este aspecto da questão se torna mais importante para nós, porque dependemos

unicamente dos nossos recursos na presente etapa da luta. Na atual situação internacional não há um centro revolucionário, que coordene as experiências de luta de classes nos dias de hoje, como foi o caso nos tempos da Internacional leninista. O centro de decisões, teóricas e práticas, situa-se no país, isto é, nas mãos da O.

Nosso problema, na presente situação, é, portanto, qualitativo. É qualitativo porque valemos pelas nossas posições e valemos pela nossa capacidade de divulgar e defendê-las no seio da classe operária, no seio da Esquerda. Pouco adiantaria, atualmente, duplicar ou triplicar o número dos nossos militantes, se isso não se der à custa do amadurecimento da O. Mesmo duplicando ou triplicando o nosso número, do ponto de vista quantitativo ainda não seríamos um fator de peso no país.

É de um ponto de vista qualitativo que temos de preparar-nos para as tarefas do futuro. Portugal nos dá um exemplo de comportamento de uma classe operária saída da repressão, do arrocho e da passividade, dando um salto no caminho de sua transformação em classe política. O proletariado brasileiro, levando em conta suas tradições particulares, fundamentalmente, não agirá de maneira diferente. Será um momento como esse que se colocará o problema da quantidade. Seremos obrigados, em tempo relativamente curto, absorver operários (e outros elementos) em número várias vezes superior aos nossos militantes. Mas, teremos de absorvê-los de maneira que não altere o caráter comunista da O. e isso dependerá unicamente do nível dos nossos quadros.

O que não devemos esquecer é que somos uma organização de quadros não só pelas condições impostas; pela clandestinidade. O somos igualmente devido a situação objetiva do proletariado brasileiro, que ainda não permitiu o surgimento de um partido comunista de massa. Esta é a nossa meta, é uma condição indispensável para uma revolução proletária no país. Mas, por enquanto, ser comunista quer dizer saber esperar a sua vez. Como vimos, esperar não significa cruzar os braços; mas quem corre depressa demais, não chega. Isso a experiência dos últimos anos nos ensinou de sobra.

9. Falamos da nossa situação passada recente. Esse passado, porém, ainda não terminou. Está se esboçando lentamente uma nova etapa de luta, cujas características e conseqüências ainda temos de aprender. Desconhecemos também o ritmo com que o aprofundamento das contradições econômicas e sociais mudará as relações de classe e sua superestrutura.

É importante que saibamos distinguir ritmo e alcance das mudanças para não nos deixarmos surpreender e nos adaptarmos em tempo as novas formas de luta. Mas é igualmente importante não nos precipitarmos e não arriscarmos cedo demais o nosso potencial.

Creemos que ainda teremos tempo para recuperar, principalmente pelo menos, o tempo perdido nos últimos anos e colocar os problemas fundamentais da O. em dia. A campanha de retificação surgida de dentro da O., nas condições mais difíceis da clandestinidade, mostra a nossa vitalidade e capacidade de regeneração nos momentos críticos. Queremos manifestar aqui o nosso apoio com a orientação seguida do Pleno de 4 e a nossa solidariedade com a nova liderança, empenhada em preparar a Conferência, que deve abrir novas perspectivas para a O.

Rejeitamos as objeções "estruturalistas" contra a convocação do Pleno como puro formalismo estéril. Uma liderança, que não se vê em condições de enfrentar as tarefas vitais do coletivo, tem obrigação de se retirar e se o antigo CN agiu desta maneira isso é um ponto positivo a favor dele. No que diz respeito ao aspecto formal da questão, os argumentos estatutários perderá a razão de ser face às decisões de Conferência.

Finalmente, queremos propor a Conferência que abandone a sigla OCML, que se tomou o símbolo da fase voluntarista que percorremos. Propomos que a O. volte a sua denominação histórica de ORM, ou que assine simplesmente PO, que é a nossa verdadeira marca registrada. O rebatismo da O. em 70 teve por base o já mencionado mito, que por sua vez se tomou um sustentáculo do voluntarismo dominante. De fato, a O. de 70 em diante, em nenhum momento atingiu e não pode atingir - o nível das lutas dos anos anteriores, nem o grau de vinculação com a classe operária, que a velha PO teve. O único resultado do mito é o quadro deformado da O. transmitido aos militantes mais novos, o que dificulta a eles de compreenderem seu próprio papel nas lutas de classe do país. A destruição desse mito será uma confirmação pública da continuidade histórica da Política Operária.

(EM, R.M.C. e J.)

Redigido por Erico Sachs. Assinado pelo grupo da PO no exílio em 21.09.1975.